

Vozes da Psicanálise: Contribuições à escuta da primeira infância¹

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto², Uberlândia, Minas Gerais

Resumo: O berço da constituição da subjetividade está na primeira infância e, paradoxalmente, é também nesta etapa do desenvolvimento que a criança está mais exposta a dimensões de vulnerabilidades psíquicas, corporais, cognitivas, sociais e culturais. Neste artigo pretende-se apresentar como a Psicanálise, em um movimento de expansão ao considerar o contexto atual, propõe uma integração epistemológica entre as suas matrizes teóricas, repercutindo nas modalidades técnicas, para contribuir com a escuta e desenvolvimento de crianças em sofrimento psíquico e suas famílias, seja em contextos clínicos e não clínicos.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Infância; Intervenções Conjuntas; Pais e Filhos; Subjetividade; Mutismo Seletivo;

1 Trabalho apresentado no curso de extensão em Psicanálise “A clínica Psicanalítica: da vida intrauterina ao envelhecimento” promovido pela SBPMG em 2023.

2 Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP. Membro Fundador do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia – NPU. Membro de enlace COWAP – Brasil. Coordenadora do Núcleo de Investigação Psicanalítica da Infância – NIPI. Avenida Amazonas, 2245 – Umuarama. CEP: 38405-302. Uberlândia-MG. Tel: (34) 3232-0664. E-mail: hquagliatto@yahoo.com.br

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

[...] Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei.
Eu conto:
Madrugada, a minha aldeia estava morta.
Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada [...]
MANOEL DE BARROS, Difícil fotografar o silêncio

Freud (1986) deu voz, em uma carta enviada a Fliess na data de 15 de outubro de 1897, as observações silenciosas sobre a fecundidade do mito grego de Édipo como um modelo paradigmático das relações afetivo emocionais na infância. Assim se abriu, para o pai da Psicanálise, um caminho de expansão em suas investigações sobre o desenvolvimento infantil que culminaram em importantes trabalhos como em 1905 (Freud, 1989) sobre a teoria da sexualidade, incluindo as zonas erógenas e as fases da psicosexualidade, e em 1910 (Freud, 1970), com a descrição do conceito de “Complexo de Édipo”.

A partir daí fomos, irremediavelmente, lançados a considerar o papel fundamental das primeiras relações de objeto na estruturação da personalidade humana, bem como a escolha do objeto de amor e a orientação do desejo para ter acesso à genitalidade, como assinala Paim filho (2019)

Estas vicissitudes do período inicial da vida de cada um de nós estão intimamente imbricadas com o psiquismo daqueles que vão nos auxiliar no percurso que resultará na constituição de nossa subjetividade, e conseqüentemente na possibilidade de construirmos um espaço anímico onde possa ocorrer a inscrição da alteridade. (p. 04)

Neste sentido, ao se considerar que as bases do arcabouço psíquico estão inscritas nos primórdios do desenvolvimento, ou seja, na primeira infância, torna-se premente dar voz ao percurso psicanalítico de compreensão da constituição da subjetividade, como também do sofrimento psíquico advindo das possíveis fraturas emocionais deste processo e interligando-a aos instrumentos observacionais, investigativos e interpretativos do analista no trabalho em contextos clínicos e não clínicos.

Ungar (2015) não nos deixa esquecer que *o modo de operar psicanalítico, como toda construção humana, é condicionado e afetado pelos códigos hegemônicos de cada época* (p.06). Destaca a necessidade de os psicanalistas, nos dias de hoje, considerarem tanto o modelo da família *pós moderna*, quanto intensas mudanças nas instituições sociais e o rápido avanço do desenvolvimento tecnológico. Todas estas transformações geram um impacto na construção da subjetividade:

...O modelo de família atual *pós-moderna* está muito longe do ideal moderno. Por um lado, os pacientes que nos consultam podem pertencer a configurações familiares diversas: famílias reconstituídas, monoparentais, casais do mesmo sexo, entre outras. Tampouco o contrato entre cônjuges está baseado numa união permanente. Também a atribuição de autoridade ao pai se enfraqueceu...No atual momento, já não confundimos ou não deveríamos confundir, a função paterna com o papel desempenhado por um homem que em geral se chama pai e que habita numa família em que é pai dos filhos e marido da esposa, por exemplo. Hoje em dia, não é necessário que esse papel seja cumprido por um homem, que, ademais, seja o pai. Pode ser outra pessoa, e não necessariamente do gênero masculino. (p.19)

Analisar, no contexto atual³, a produção da subjetividade que ocorre na inter-relação entre os elementos transsubjetivos, transgeracionais, intersubjetivos, intrassubjetivos e como esses elementos estabelecem uma intersecção entre o psiquismo infantil e o psiquismo parental, criando uma zona comum de indiferenciação familiar, que podem ser a origem dos

3 O relatório da Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2022) realizou sua maior revisão mundial sobre saúde mental e aponta que, na infância e adolescência, o diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais é ainda precário. Um plano endereçado aos governos, acadêmicos, profissionais de saúde, sociedade civil e outros, foi proposto para apoiar o mundo na transformação da saúde mental. No Brasil, somente em 2016 instituiu-se o marco legal da primeira infância, em defesa de políticas públicas de equidade, justiça social e inclusão das crianças de 0 a 6 anos como sujeitos de direito (Lei 13.257).

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

sintomas que evidenciam o sofrimento psíquico da criança (Berger, 1989), demanda do psicanalista, que trabalha com a primeira infância, abarcar e investigar as complexas correlações entre os fenômenos mentais, suas vozes e silêncios, dispensando a simples lógica binária de causa e efeito.

Algumas palavras sobre a constituição da subjetividade

A transmissão psíquica de traços sociais e culturais, com seus sistemas de valores, crenças religiosas e estéticas, e que fornecem uma base identificatória a um determinado momento de vida da criança, marcam a transsubjetividade. Cabe ao analista investigar, no fluxo associativo das entrevistas iniciais com os pais, quais os impactos da realidade material, incluindo saúde, educação, lazer e contexto social, bem como possíveis situações traumáticas como pandemias, tragédias climáticas e criminosas, situações de violência doméstica, abusos sexuais, psicológicos e religiosos como sacrifícios, torturas, mortes, dentre outros, que possam estar presentes na vida atual daquela família, correlacionando-as às fantasias parentais, tais como as filicidas e incestuosas.

E, concomitantemente, devido a inserção cotidiana da realidade virtual na vida das crianças, dimensionar se estão precocemente e excessivamente expostas as tecnologias e os possíveis impactos em seu adocimento psíquico, na medida em que o virtual não se apresenta como um produto da criatividade infantil e sim, como uma ilusão do real, em que a tela, além de não ter comunicação emocional e empática com a criança, estimula a distração pelo tropismo com o sensorial (luz, som, imagem). E o jogo, demanda um pensamento de estratégias e performances, não proporcionando o desenvolvimento do pensamento emocional e relacional, para uma mente em formação.

A transgeracionalidade, outro importante elemento da constituição da subjetividade, identifica as catástrofes humanitárias e familiares, vividas por gerações anteriores a criança, e que são transmitidas em herança para a geração atual podendo ter uma dimensão poli traumática. Essa perspectiva, de investigar a história dos pais e da família de origem de cada um deles, possibilita dar voz as dimensões das singularidades e sofrimentos do casal parental na constituição da sua própria subjetividade, favorecendo o analista de crianças a compreender três gerações (criança-pais-avós presentes nos pais) como apresenta Silva (2003):

Portanto, uma herança transgeracional é constituída de elementos brutos, transmitidos tal qual, marcados por vivências traumáticas, não ditos, lutos não elaborados. Por não terem sido elaborados pela ou pelas gerações precedentes, esses elementos brutos irrompem nos herdeiros, atravessam o espaço psíquico sem apropriação possível (Eiguer 1991, 1997; Kaës, 1993; Correa, 2000; Golse, 2001^a, 2001b). (p.31)

A qualidade das relações da criança com os objetos primários (internos e externos) e as características predominantes nos vínculos (simbióticos, de controle, sadomasoquistas, etc) marcam a observação do analista em relação a intersubjetividade, por isso o analista tem alguns questionamentos como norteadores:

A parentalidade foi construída, para além da filiação? Como se dá o convívio da criança com a trama familiar? É reduzido? E com a trama social, é precoce? Os pais se servem dos filhos para projetar e satisfazer seu hedonismo infantil? Frente as novas configurações familiares, são presentes e estáveis a função materna e paterna? Observa-se dificuldades em estabelecer a diferença entre gerações? Como lidam com as questões de gênero? E como se sentem e reagem frente as manifestações de angústias de seus filhos? Quais seus projetos futuros para a criança e suas crenças subjetivas? (Britton, 2003; Quagliatto *et al*, 2023).

As angústias infantis, sejam persecutórias, confusionais ou depressivas em suas variadas formas: separação, claustrofóbicas, aniquilamento, etc. (Klein, 1982), as *agonias impensáveis* tais como, cair para sempre, desfazer-se e despedaçar-se (Winnicott, 1963/1994), o *Terror sem nome* (Bion,1962/1990), associados as fantasias inconscientes, o estado de coesão e dispersão do ego (nível de tolerância a frustração, capacidade de espera, comunicação, reparação, autoimagem e simbolização) bem como, seus mecanismos de defesa (projeção, introjeção, identificação projetiva, cisão, idealização, onipotência, dentre outros), refletem o universo da intersubjetividade e como este é comunicado ao analista.

Os aspectos intersubjetivos também tem de ser observados de acordo com a idade cronológica da criança, levando em consideração o desenvolvimento de habilidades motoras, o nível de autonomia nos hábitos de higiene, na alimentação e no sono, como também a aquisição da aprendizagem formal, da linguagem, da capacidade narrativa, da expressividade lúdica e corporal.

No processo de constituição e apropriação subjetiva há inúmeras possibilidades de ocorrerem vulnerabilidades. Quando tais vulnerabilidades são de grande intensidade e de duração contínua, estas ocasionam fraturas insuportáveis para o ego, que contribuem para estados intensos de sofrimento psíquico e desembocam em quadros: autísticos, psicóticos, psicossomáticos, dissociações crônicas por traumas, apatia, estados depressivos, compulsões, distorções da imagem, distúrbios do pensamento, da linguagem, do sono, do controle esfínteriano, da alimentação, da aprendizagem, dos processos perceptivos, da sexualidade, dentre outros.

Repercutindo, assim, no desenvolvimento da criança e promovendo deficit no processo de simbolização: na aquisição das noções de tempo e espaço, no trânsito do sensório ao sensível, das sensações às emoções, do corporal para o psíquico, das percepções às representações.

Algumas palavras sobre a teórica e técnica psicanalítica

Frente a um cenário tão complexo em que o desenvolvimento na primeira infância, por um lado, sustenta a subjetividade e propicia, para além do raciocinar, a atividade do pensar e simbolizar e, por outro expõe, paradoxalmente, dimensões de vulnerabilidades psíquicas, corporais, cognitivas, sociais e culturais, podendo gerar sofrimento e adoecimento mental, manifestadas em excessos, excitabilidades, inibições ou paralisações, a psicanálise contemporânea, em um movimento de expansão e integração, propõe uma ligação epistemológica entre as suas matrizes teóricas, ampliando as possibilidades do psicanalista:

Denominamos de *transmatricial* o pensamento psicanalítico que reúne e integra os elementos provenientes das duas grandes matrizes que definem as modalidades de adoecimento psíquico. (Figueiredo e Coelho Júnior, 2018): a matriz Freud-kleiniana e a matriz Ferencziana. Na primeira, os adoecimentos se dão fundamentalmente em função da superativação das angústias e das defesas; na segunda, ao contrário, os adoecimentos decorrem de processos traumáticos de passivação – ocasionando letargia, congelamento e, eventualmente, morte – dos recursos psíquicos, o que inclui a passivação das defesas e das fantasias, bem como os estados de agonia. (Figueiredo, 2012, p. 43)

A matriz Freud-Kleiniana é representada na prática atual pelas ideias de W. Bion, ressaltadas por A. Green e entrelaçadas à matriz Ferencziana, que traz em seu bojo as contribuições de D. W. Winnicott, trabalhadas por R. Roussillon. O caráter transmatricial identifica que as angústias e as agonias precisam ser tratadas simultaneamente, compreendendo que na primeira matriz, a pulsionalidade e os seus excessos, ocupam um lugar central na evolução psicopatológica do sujeito e na segunda, discutida por Roussillon, os processos traumáticos, ocorridos em situações básicas de desamparo, ocasionando congelamento e letargia, geram dependência e ausência de recursos defensivos contribuindo também para o adoecimento psíquico, na medida em que pode ocorrer, em ambos os caminhos, fraturas na vinculação primária:

O vínculo e a construção do vínculo primário, em particular, não são algo ‘dado’, que sempre comparece aos encontros humanos. Eles podem apresentar falhas ou particularidades tais, em sua construção, que o conjunto da vida psíquica pode ficar duradouramente afetado. (Roussillon, 2015, p. 34)

Tais ideias nos remetem a metapsicologia da presença, fundante do psiquismo infantil, delineando que o trabalho psicanalítico com crianças requer a inclusão dos pais para se ter acesso as variadas dimensões do sofrimento psíquico do filho e como os mesmos reagem as angústias e agonias que possam se apresentar no encontro da família com o analista.

O trabalho de grupo proposto por Bion (1970) e as consultas terapêuticas realizadas por Winnicott (1984) tornaram-se modelos inspiradores para o trabalho com famílias, surgindo propostas técnicas como a de *intervenções psicanalíticas conjuntas pais e filhos* (Mélega, 1998), que apresenta um primeiro passo na compreensão e trabalho psicanalítico com crianças, trazendo para a sala de análise todas as pessoas que moram com ela ou são, diretamente, parte integrante de sua vida (pais, irmãos, etc).

O trabalho acontece por um período de 06 a 12 sessões, antes de se definir pela análise individual da criança que motivou a consulta ao psicanalista ou por outro membro do grupo familiar.

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

O objetivo é escutar, na experiência emocional, as diferentes modalidades de expressividade e comunicação, verbal, corporal e afetiva, com a possibilidade de criar figurabilidade aos elementos não representados, sensibilizando os adultos a se implicarem ao processo.

Berger (1989) também trabalha com esse modelo de *entrevistas familiares*, considerando-a como uma oportunidade de dar voz aos sintomas infantis e escutá-los como representantes da parte indiferenciada do psiquismo, o que possibilita emergir o conteúdo da zona comum do aparelho psíquico familiar, os processos e as fantasias organizadoras do grupo.

A proposta é ampliar o campo psicanalítico, recolocando o analista para criar um *ambiente facilitador* de comunicação entre os pares, vivendo as projeções dos membros da família, bem como apresentando um modelo continente de escuta e postura ativa no contexto das demandas inconscientes. O que se aproxima das ideias de Roussillon (2019) ao apresentar o *setting* como *Meio Maleável* nas sessões:

Essa atribuição de forma à experiência subjetiva, à matéria-prima psíquica, constitui uma experiência subjetiva específica que apoia todo o trabalho psíquico da subjetivação, aquela que preside a organização de uma representação da representação e cuja essência consiste em encontrar-criar representantes-representações da experiência subjetiva. Essa experiência subjetiva singular, “na presença do clínico”, abre a possibilidade de um tratamento representativo da zona traumática do sujeito. (p.236)

Este trabalho inicial com os pais e filhos, pode ser compreendido como uma proposta *pré-analítica*, para que se possa, posteriormente, em uma análise individual da criança ou de outro membro do grupo familiar, produzir sentido e representação simbólica. Silva (2017) também ressalta essa dimensão ao considerar que *nessa etapa inicial, contribuímos ao empatizar com o sofrimento dos pais e ao ajudá-los a compreender as dificuldades da criança, facilitando a adesão ao tratamento e o fortalecimento das funções parentais*. (p.73)

No *setting* familiar, a dinâmica transferencial, que sempre está presente nos encontros humanos, se manifesta de formas específicas, tanto pela sua multiplicidade como pela pluralidade de confluências e conexões inconscientes do grupo, porém, com características marcantes de uma comunicação paradoxal (Anzieu,2022), na medida em que os adultos e a criança resistem em experienciar emocionalmente e *ao vivo*, novas possibilidades relacionais.

Racker (1982) contribui ao nomear esse fenômeno entre o analista, o paciente e seu entorno de *paratransferências* e *paracontratransferências* e Landolfi (1989) argumenta que as mesmas devem ser consideradas como subsídio de compreensão da psicodinâmica familiar, mas não como ferramenta de interpretação junto aos pais.

Amplia-se nesta perspectiva, a discussão sobre as modalidades interpretativas do analista e resgata-se as ideias de Alvarez (2012), que ressalta que o nível de interpretação tem que levar em conta a capacidade de introjeção do objeto, ou seja, a absorção elementar do cuidado ambiental e a respectiva conjugação psicossomática.

Quanto mais precário for a indiferenciação entre self e objeto na relação pais/filhos, maior terá que se construir uma via interpretativa em que a matéria psíquica viva do analista esteja disponível para a expansão dos processos de individuação para *sentir com* o grupo, muito antes de querer entender ou abstrair. Silva (2017) ao delinear a interpretação com funções narrativas, argumenta:

Nesse processo está implicada a função narrativa do analista – a construção narrativa como uma maneira de o analista encontrar, com o paciente, um significado, de forma dialógica, sem muitas cesuras interpretativas. Ferro (1995) assinala que o analista deve acolher e vivenciar em si as experiências, às vezes inconscientes, que o analisando não consegue comunicar, embora consiga ativá-las no analista por meio de identificações projetivas. Para esse autor, as interpretações narrativas, ou fracas, procuram não saturar a comunicação do paciente, e “a transformação conarrativa, ou mesmo a conarração transformativa, toma o lugar da interpretação” (Ferro, 2000, pp. 17-18). (p.79)

A escuta do silêncio

Aos 05 anos, Beto é encaminhado para a análise por um neurologista com o diagnóstico de mutismo seletivo. O menino desenvolveu adequadamente a linguagem oral para a sua idade, porém, desde que começou a falar, se expressa verbalmente somente com os seus pais. Quando deseja algo que envolve a necessidade de se comunicar com outras pessoas, sejam adultos ou crianças, usa seus pais para serem seu “porta-voz”.

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

A mãe descreve que também é filha única e foi muito ligada à sua própria mãe e após a sua morte, viveu uma grande depressão, sentindo que só obteve alívio ao se casar e planejar ter um filho. O casal passou a viver dos recursos financeiros herdados da família materna e procuraram ajuda médica para um processo de reprodução assistida.

A gravidez foi de risco devido à idade avançada da mãe, que descreve o seu medo de perder o bebê e de se sentir novamente sozinha.

O pai, que tem 03 filhos adultos de outros relacionamentos, demonstra que desde o nascimento de Beto não se sentiu incluído na relação da díade mãe/bebê e, hoje, mostra-se pouco disponível no exercício das funções paternas. Na escola, a mãe permanece na recepção, no período das aulas, à disposição da criança para qualquer eventualidade.

Entretanto, Beto se destaca na capacidade de realizar as tarefas escolares e mantém um sistema de liderança com as outras crianças, mesmo não utilizando a linguagem oral.

A vinculação simbiótica entre mãe e filho, faz com que ambos exponham seu narcisismo. A criança como uma “autoridade/celebridade” que precisa ter um “porta-voz”, responde com arrogância num sistema de chantagem e dominação, explicitando sua fragilidade. A mãe, mantém o controle do filho ao dar o tom daquilo que será comunicado ao outro, justificando sua posição como uma forma de proteção as dificuldades da criança, a qual ela valida e não intervém.

A analista, compreende essa comunicação paradoxal violenta, como uma medida inconsciente que anula o processo de subjetivação de Beto, reeditando a própria experiência da mãe de submissão e domínio com seus objetos primários.

O cenário da primeira entrevista com os pais desvelou uma pane nas funções maternas e paternas, bem como, na capacidade narrativa, lúdica e poética da criança, fazendo com que a analista optasse por iniciar com um trabalho de intervenção psicanalítica conjunta pais / filho, na tentativa de viver na experiência emocional da sessão, a dinâmica intersubjetiva, intrassubjetiva, transubjetiva e transgeracional que se apresentava embaraçada no psiquismo de cada membro dessa família.

Na primeira sessão a criança entra na sala de análise com os pais, seus olhos são atentos e penetrantes. Os pais se sentam de forma que ficam distantes um do outro e Beto se acomoda no colo da mãe. O silêncio domina o ambiente por cerca de 10 minutos e a analista sente-se também isolada, evidenciando um paradoxo familiar: procuram pela análise, mas não podem usufruir desse espaço de aproximação e busca de entendimento.

Numa postura ativa, a analista decide perguntar diretamente a Beto, se ele conhecia o motivo que os trouxeram a este encontro. A mãe prontamente responde que ele não fala com pessoas.

-Analista: *E ele sabe falar, mamãe?*

-Mãe: *Sim. Mas, só comigo e com o pai.* (sua voz trazia o tom do triunfo e da apropriação subjetiva de seu filho, não demonstrando angústia frente a esta inibição da criança)

-Analista: *Ah, entendi...* Em seguida, dirige o olhar para Beto e diz: *A mamãe está me contando que fala por você, mesmo você sabendo falar. Então, acredito que esse é o motivo que te trouxe aqui, não é mesmo?*

O menino agora inquieto no colo da mãe, olha a analista profundamente, como se estivesse fuzilando-a com os olhos, pela desacomodação do que foi dito.

A mãe reclama de sua inquietude e depois de algum tempo, Beto tampa a lateral de sua própria boca com as mãos e fala algo no ouvido de sua mãe.

- Mãe: *Tem jogos aqui?* (A mãe usa um tom de voz como se os jogos fossem um interesse dela também, evidenciando a indiferenciação entre ambos)

- Analista: *Bom saber, Beto, que você sabe dizer o que quer...mesmo ainda não falando comigo.*

- Pai: *E ele é bom em jogos...* (A primeira colocação do pai na sessão se apresenta como uma tentativa eufórica de acomodação do lugar-comum de atenderem a solicitação do filho)

- Analista: *E com esse jogo? De saber falar e não conversar com outras pessoas...Nesse jogo de esconder as palavras, o Beto também é bom, papai?*

- Pai: *Sim...Acho que sim...*(essa afirmação é dita com um ar “sem graça” como se a pergunta estivesse colocando-o no lugar de denunciar “o jogo” familiar, que pareceria ser ameaçador)

A criança se desloca para atrás da poltrona que a mãe estava sentada e se esconde, indicando mais um incomodo nestas percepções e marcando sua posição de “colar” e “não existir”.

A mãe, narcisicamente, se mantém calada e com a expressão fisionômica tensa.

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

Paracontratransferencialmente, a analista também se vê acuada frente a situação de manter a condição de não dizer sobre as dificuldades familiares que estavam expressas no silêncio da criança ou se manifestar, sem ser violenta.

Neste paradoxo, retoma o diálogo, buscando no pai um parceiro que pudesse vir a ser um futuro interditor na relação fusional mãe/filho.

– Analista: *Papai, e você, acha que esse jogo de esconder as palavras das pessoas é legal?*

– Pai: *Não é legal, né, filho?* (com uma voz infantilizada, quase que se desculpando pela situação).

– Mãe: *Tem dominó?* (O domínio da situação é retomado pela mãe e a criança, imediatamente, sai detrás da poltrona)

– Analista: *Sim. Acredito que vocês viram os jogos sobre a mesa. Beto você quer jogar?*

A Criança acena muito discretamente e rapidamente a cabeça.

– Analista: *Acenar a cabeça, Beto, é um jeito de falar comigo. E eu gostei muito de saber que você pode falar do seu jeito.*

Todos se dirigem a mesa e a analista vai perguntando a criança como organizar o jogo. Beto olha as peças do dominó e a analista toma essa expressividade visual como uma resposta, indicando o que havia compreendido e dizendo que se não fosse daquele jeito, ele poderia reorganizar. Concomitantemente, a analista também pergunta aos pais sobre as regras que eles conhecem, na tentativa de dar voz a cada um de forma individualizada.

Quando é perguntado quem começa o jogo, surge um impasse. Beto olha para a mãe e abaixa os olhos. A analista comenta que poderíamos esperar uma dica de Beto. A mãe intervém e diz que vai começar.

– Analista: *Se a mamãe prefere não esperar uma dica, podemos começar se todos concordarem.*

No intercurso do jogo, a analista apresenta um sentido ao brincar. Aponta as peças do dominó, as quais têm a apresentação de bolinhas coloridas com números equivalentes de zero a seis:

– Analista: *No jogo devemos juntar a parte de uma peça a outra que seja igual. O mesmo número, a mesma cor, mas em peças diferentes. São parecidas, mas não são as mesmas. Elas se juntam e se separam de várias formas, assim como as pessoas.*

Beto era um exímio e atento jogador. Ocasionalmente, olhava a analista e demonstrava interesse pela dinâmica relacional. Entretanto, havia em paralelo um jogo perverso de submissão e domínio em que cada membro do grupo familiar ocupava, simultaneamente, essas duas posições gerando dificuldades no desenvolvimento da alteridade da criança e das funções maternas e paternas.

O trabalho conjunto abriu perspectivas dialógicas com os pais em seus aspectos narcísicos, identitários e depressivos. Promovendo, após 12 sessões com a família, a passagem para a análise individual da criança, com o início do seu processo de separação e individuação, na medida em que se pôde compreender as fantasias de Beto em se sentir responsável por manter a vitalidade da mãe através do funcionamento simbiótico de ambos, que não o impedia de viver a ambivalência de sentimentos na relação com os pais, transformando-se, por um lado, em um pequeno tirano que sadicamente exigia que fosse atendido em todos os seus desejos e por outro, inundado por angústias persecutórias e agonias que o paralisavam, gerando transtornos também no sono, na alimentação e com episódios de autoagressão.

Os pais se mantiveram comparecendo em sessões separadas com a analista que, após o primeiro ano de trabalho, conseguiu encaminhar a mãe para uma análise individual e manteve-se com Beto. A escola foi contatada pela analista como parceira de trabalho para realizarem funções de intermediação e interdição na dinâmica da dupla mãe/criança, limitando-a de intervir como “porta-voz” do filho.

Discutiu-se também, a possibilidade de outras formas de comunicação no espaço escolar, no manejo das frustrações, buscando dar “voz” a Beto dentro de um sistema de busca pela sua apropriação subjetiva.

Nas palavras de Figueiredo (2017):

...o desamparo pós-traumático, o vir a ser do sujeito é colocado em um impasse, o sujeito é lançado em uma condição de impotência e desespero em que a única defesa possível é o recuo, o retraimento, o descarte de uma parte de si mesmo, a desistência em ser. Neste momento, podemos mencionar o acionamento da pulsão de morte e a destrutividade, mas elas não são, como em Green, os fatores determinantes da experiência de autodestruição, e sim efeitos da experiência traumática interpretada em outros termos. (p.45)

Vozes da Psicanálise

“Um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...”

JOÃO GUIMARÃES ROSA, Grande sertão: Veredas

O processo civilizatório humano é desafiador e requer a coexistência do desejo individual pela maternidade e paternidade, com a renúncia narcísica dos pais para sustentar sentimentos ambivalentes ao considerar o seu filho como um sujeito singular, que requer participação de uma comunidade que inclui a família extensa, a escola, os amigos, os profissionais de saúde, dentre outros, para a subjetivação da criança.

Nesta dinâmica, a Psicanálise procura dar voz a infância pela escuta dos silêncios e faltas, sejam em privações ou excessos, criando um *ambiente facilitador* desse processo e considerando que na sociedade atual o sofrimento infantil, vivamente e tragicamente presente em contextos clínicos e não clínicos, estão, predominantemente, ligados a mecanismos mentais arcaicos como a cisão ou *splitting*, com problemas de adoecimento psíquico narcísico-identitários.

A ênfase na condução da clínica da infância está no manejo do *setting* para conter, de acordo com as ideias de Bion, o sofrimento psíquico dos excessos. E revitalizar, a passivação dos recursos psíquicos traumáticamente fraturados, propostos por Roussillon.

Sendo recomendado que o processo analítico de crianças seja iniciado com as intervenções entre pais e filhos nas quais o analista possa utilizar de sua escuta sensível, disponível e qualificada dos fluxos associativos verbais e não verbais envolvidos no brincar, nos movimentos corporais e nas ações vivas do *setting*, para a apropriação de funções e lugares na dinâmica familiar.

“Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
...

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto

MILTN NASCIMENTO e WAGNER TISO, Coração de estudante

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

Referências

- Alvarez, A. (2012). Níveis de trabalho analítico e níveis de patologia. Livro Anual de Psicanálise, 26,173-190.
- Anzieu, D. (2022). Transferência paradoxal: da comunicação paradoxal à reação terapêutica negativa. *Psicanálise – Revista Da Sociedade Brasileira De Psicanálise De Porto Alegre*, 24 (1), 184–208. Recuperado de <https://rsbppa.emnuvens.com.br/revista/article/view/823>
- Berger, M. *Prática de entrevistas familiares*. Campinas, SP: Papirus. 1989.
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* (Walderedo Ismael de Oliveira). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1990). *Aprendiendo de la experiencia* (H. B. Fernández, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)
- Britton, R. (2003). *Crença e imaginação*. Rio de Janeiro: Imago. (trabalho publicado em 1994)
- Figueiredo, L. C. (2017) A psicanálise transmatricial de René Roussillon e sua dívida ferencziana. (2012). *Sig: revista de psicanálise / Sigmund Freud Associação Psicanáltica*. - Vol. 6, n. 11, 43-54.
- Freud, S. (1970). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanáltica*. In S. Freud. *Cinco lições de psicanálise; Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (Vol. 11, pp. 127-146). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S (1986) *Carta Freud à Fliess - 15/10/1897*. In: *Correspondência completa Freud - Fliess 1887-1904*. Masson M. J. editor (pp. 271-274). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1989). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos: 1900* (Vol. 4). (Paulo César Lima de Souza). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1900).
- Klein, M. (1982). *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê*. In M. Klein. *Os progressos da psicanálise* (3 ed, pp. 216-55). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Landolfi, P. (1989). Interrupção do processo em psicanálise de crianças: o problema das paratransferências. Trabalho apresentado na Associação Psicanalítica Argentina, Buenos Aires.
- Lei 13.257 (2016) Políticas públicas para a primeira infância. Secretaria-Geral da Presidência da República. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm (Acesso: 15 de agosto de 2023).
- Mélega, M. P. (1998). Intervenções terapêuticas conjuntas pais-filhos. *Alter*, 17(2), 119-134.
- Paim Filho, I. A., Fischer, M., Vasconcellos, M. C. G., Klarmann, R. P. (2019) Édipo Intimidado: De Profano à Profanado. Trabalho publicado na Revista Psicanálise - FEBRAPSI. 2019. Revisto para a publicação do livro, (no prelo) do Espaço Criar.
- Quagliatto, H. S. M.; Sousa, K. K; Rodrigues, R. L. Quagliatto, T. & Flor, T. C. (2023). Traumas e crenças subjetivas como campo de investigação na trama familiar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(2), 43-56.
- Racker, H. (1982). Estudos sobre técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*. vol.49, n.1, p.33-46.
- Roussillon, R. (2019). Manual de prática clínica em psicologia e psicopatologia. São Paulo: Blucher, 314p.
- Silva, M. C. P. da. (2003). A herança psíquica na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, M. C. P. da. (2017). A caixa lúdica do analista: uma reflexão sobre as mudanças na teoria da técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 51, n. 4, 71-88.
- Ungar, V. (2015). O ofício de analista e sua caixa de ferramentas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 49, n. 1, 15-32.
- Winnicott, D. W. (1984). Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso. In C. Winnicott & R. Shepherd (Orgs.), *Explorações psicanalíticas* (J. O. de A. Abreu, Trad., pp. 70-76). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- World Health Organization (2022). *World mental health report: transforming mental health for all*. Genebra, Suíça. 296 p. Disponível em: www.who.int/publications/i/item/9789240049338. (Acesso: 15 de agosto de 2023).